

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
MESTRADO EM SAÚDE E COMPORTAMENTO

Características Emocionais e Comportamentais de Adolescentes e Adultos
Suspeitos de Praticar Abuso Sexual

Mestranda: Denise Müller Böhm
Orientadora: Vera Lúcia Marques de Figueiredo

Pelotas, fevereiro de 2012.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho consiste na apresentação do Projeto e resultados da pesquisa.

O projeto foi defendido e aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comportamento, em outubro de 2010, fazendo parte da banca examinadora os professores Dr. Fernando Barros e Dr. Luciano Souza.

Os resultados da pesquisa estão apresentados em forma de artigo científico – formato exigido pelo Programa. A banca examinadora será constituída pelos professores Dra. Silvia H. Koller (UFRGS) e pelo Dr. Luciano Souza. Após sua aprovação, o artigo será submetido à Revista de Saúde Pública.

SUMÁRIO

PROJETO DE PESQUISA	4
Delimitação do Problema	5
Introdução	5
Justificativa	7
Objetivos	8
Hipóteses	8
Revisão de Literatura	10
Método	16
Delineamento	16
População-Alvo	16
Participantes	16
Material	16
Local para coleta de dados	16
Processamento e análise de dados	18
Considerações Éticas	18
Cronograma	19
Orçamento	19
Referências	20
ARTIGO	23
Resumo	24
Introdução	26
Método	27
Resultados	29
Discussão	30
Conclusão	34
Referências Bibliográficas	36
Tabela 1	39
Tabela 2	40
Tabela 3	41
Tabela 4	42

DENISE MÜLLER BÖHM

Características Sócio-comportamentais de Indivíduos Acusados de Praticar Abuso Sexual: Uma Análise com Base em Registros de Atendimento num Serviço Especializado.

Projeto de pesquisa elaborado para o Mestrado em Saúde e Comportamento da UCPEL, sob a orientação da Prof. Dra. Vera Lúcia Marques de Figueiredo.

Pelotas, outubro de 2010.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Introdução:

O fenômeno da violência tem recebido grande atenção dos pesquisadores uma vez que coloca em risco a saúde, qualidade de vida e bem-estar social. Segundo a Organização Mundial da Saúde [OMS] (2010), a violência é o uso intencional da força física ou do poder, real ou por ameaça, contra a própria pessoa, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que pode resultar em morte, lesão, dano psicológico, problemas de desenvolvimento ou de privação. Neste contexto, insere-se a violência sexual e, mais especificamente, o abuso sexual.

Myre (1986, citado por Azevedo & Guerra, 1989, p. 42) compreende o abuso sexual como “todo o ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança menor de 18 anos, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou utilizá-la para obter estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa”. O conceito da WHO (1999), abrange esta idéia e ainda complementa:

O abuso sexual infantil é o envolvimento de uma criança em atividades sexuais que ela não compreende, não é capaz de consentir, ou não está preparada em seu desenvolvimento, ou que viola as leis e/ou tabus da sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado pela atividade entre uma criança com um adulto ou entre uma criança com outra criança que, pela idade, ou nível de desenvolvimento, está em uma relação de responsabilidade, confiança ou poder com a criança abusada. É qualquer ato que pretende gratificar ou satisfazer as necessidades de outra pessoa, incluindo indução ou coerção de uma criança para engajar-se em qualquer atividade sexual ilegal. Pode incluir também práticas com caráter de exploração, como uso de crianças em prostituição, o uso de crianças em atividades e materiais pornográficos, assim como quaisquer outras práticas ilegais.

Prioritariamente, as ações preventivas em relação à problemática do abuso sexual têm sido enfatizadas no atendimento as vítimas, (Finkelhor, 1993, Moura & Koller, 2008) mas vêm crescendo a preocupação pela situação também do agressor. (Hanson et al., 2002, Lung & Huang, 2004 e Johnson et al., 2006). Na esfera internacional, é possível perceber uma atenção, no que se refere a atendimento, estudos e pesquisas aos ofensores sexuais, bem maior e mais antiga do que a brasileira. No

Brasil, pouco é conhecido sobre esses agressores e o interesse científico pelos mesmos é bastante recente. Geralmente, o que se conhece sobre eles é através de estudos com as vítimas (Serafim, Saffi, Rigonatti, Casoy & Barros, 2009).

Diversas indagações acometem tanto a comunidade científica quanto a população em geral: De que “anormalidade” sofre essas pessoas? Como podem excitar-se com um ser ainda em desenvolvimento, tanto físico como emocional? Qual a motivação para chegar ao ato de abusar sexualmente? Que características biopsicossociais eles têm? Enfim, quem são os abusadores sexuais? Certamente, essas perguntas são muito amplas e difíceis de ser avaliadas, por isso, este estudo tentará identificar algumas características sócio-comportamentais que possam ser comuns aos abusadores.

O tratamento para agressores sexuais ainda é muito escasso no Brasil. Poucas instituições que atendem casos de abuso sexual de crianças trabalham com os agressores. No entanto, para que haja uma atenção integral e compreensão da problemática da violência sexual, faz-se necessária a inclusão do agente agressor no processo de atendimento. Neste sentido, o Núcleo de Atenção a Criança e ao Adolescente (NACA), que atua na cidade de Pelotas-RS desde o ano de 2000, tem executado um trabalho de extrema relevância. O NACA é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos e tem sua atuação fundamentada na atenção às crianças e adolescentes vítimas de abusos. Para tal, é proporcionado atendimento psicossocial a essas vítimas e suas famílias, visando à superação das dificuldades apresentadas. A partir de 2002, o NACA passou a tratar também os abusadores sexuais acreditando que para promover mudanças efetivas no cenário da violência é indispensável que os adultos, autores das agressões, recebam o devido reconhecimento e atenção.

Os suspeitos de terem abusado sexualmente são encaminhados ao NACA por órgãos oficiais do Estado como Delegacias de Polícia, Ministério Público e Juizado. Entretanto, os indivíduos não são, de forma geral, obrigados a participar dos atendimentos oferecidos pelo Núcleo, baseado num princípio legal de que ninguém é obrigado a produzir uma prova contra si. Ao chegar ao NACA, primeiramente, os suspeitos passam por um acolhimento com o serviço social. Se forem menores de dezoito anos são atendidos primeiro os responsáveis legais. Então, o suspeito passará para o processo de avaliação psicológica que tem duração média de quatro encontros e vai gerar um parecer psicossocial, a ser encaminhado para o órgão que conduziu o

suspeito ao Núcleo. A partir dessa avaliação, havendo necessidade, o indivíduo é inserido em tratamento psicoterápico em grupo de iguais.

Justificativa:

Sendo o foco das ações contra o abuso sexual voltado para o atendimento às vítimas, caracterizando um trabalho de “reparação” de um dano já causado, entende-se como indispensável o desenvolvimento de ações preventivas com o foco no ofensor. Para que isso ocorra, é necessário conhecer as características desses indivíduos.

A denúncia, a instauração do processo e o julgamento do ofensor são fatores importantes para que a agressão não se repita (Reis, Martin & Ferriani, 2004). Entretanto, sabe-se que as ações de caráter apenas punitivo não costumam resolver a problemática dos abusadores sexuais (Hanson et al., 2002). Mesmo quando os abusadores são presos, o retorno à vida social costuma não demorar a acontecer. Identificar fatores de risco relacionados ao abusador permite estruturar programas de prevenção e tratamento que busquem reabilitar e preparar para a reinclusão desses sujeitos na vida social, reduzindo seu sofrimento e, sobretudo, evitando mais vitimizações.

Segundo Furniss (1993):

Expressar empatia e compreensão para pessoas que cometeram abuso sexual frequentemente provoca fortes respostas irracionais e de raiva entre o público e os profissionais da área. Entretanto, essa resposta se origina de uma confusão, em que as pessoas pensam que compreender e mostrar empatia em relação às pessoas que cometem abuso significa desculpá-las e culpar a criança. (pág. 21)

A morosidade na conclusão dos processos, na penalização do agressor e a dificuldade de provar o crime, acabam por incrementar essas respostas de raiva, uma vez que a responsabilização deveria fazer parte do fenômeno. Mas, embora os agressores sejam identificados como vitimizadores e criminosos, não significa que não necessitem de cuidados, pois seus comportamentos desviantes, na maioria das vezes, não trazem sofrimento apenas para as vítimas e suas famílias, mas também para o próprio agressor (Levenson & D’Amora, 2005).

Moura & Koller (2010) ressaltam a “escassez de dados sobre abusadores no Brasil no que diz respeito as suas características psicológicas e emocionais” (p. 185).

Assim, dados como os coletados pelo NACA são incomuns no país e, se analisados e divulgados adequadamente, poderão ser de grande utilidade científica e para a comunidade em geral.

Objetivos:**Geral:**

- Caracterizar o perfil de acusados de terem praticado abuso sexual, encaminhados e atendidos pelo NACA, contextualizando os possíveis crimes.

Específicos:

- Identificar as características sócio-comportamentais dos acusados de terem praticado abuso sexual.
- Caracterizar as situações de abuso sexual cometidos.
- Descrever os tipos de abuso sexual mais frequentes.
- Verificar os procedimentos jurídicos relativos ao abusador, decorrentes da denúncia do abuso.
- Identificar as características pessoais das vítimas de violência sexual.

Hipóteses:

- Em relação aos agressores:
 - A maior parte serão homens brancos, pais ou padrastos das vítimas, com idade média de 35 anos e baixa escolaridade.
 - Em torno de 10% terão registro de antecedentes criminais.
 - Aproximadamente 20% terão tido história de abuso sexual na infância e, 70%, de outros tipos de violência.
 - Indicadores de agressividade, impulsividade e raiva serão evidenciados nas respostas dos testes psicológicos utilizados na avaliação dos abusadores, sugerindo alterações comportamentais.

- Em relação ao contexto do abuso:
 - Ocorrerão predominantemente em ambiente doméstico, sem presença de violência física e uso de armas, mas com coação da vítima. Quanto ao tipo de abuso, a maior parte será com contato físico, mas sem intercurso (oral, vaginal e/ou anal).

- Em relação às vítimas:
 - Serão, na sua maioria, meninas, com idade média de 10 anos.

REVISÃO DE LITERATURA

Como estratégia de busca foram consultados os seguintes bancos de dados com as respectivas palavras-chave:

- **Pubmed:**

- 1- Sex offense: 15389 resumos
- 2- Sex offenders: 1781 resumos
- 3- Sex offenders prevalence: 458 resumos
- 4- Sex offenders characteristics: **278 resumos**
- 5- Sex offenders profile: **45 resumos**
- 6- Child molesters characteristics: **31 resumos**
- 7- Child molesters profile: **6 resumos**

- **SAGE:**

- 1- Sex offenders: 2460 resumos
- 2- Child molesters: 963 resumos
- 3- Sex offenders (Title): **276 resumos**
- 4- Child molesters (Title): **74 resumos**
- 5- Sex offenders characteristics (Title): **9 resumos**
- 6- Sex offenders profile (Title): **5 resumos**
- 7- Sex offenders prevalence (Title): **1 resumo**

- **SCIELO:**

- 1- Abusador sexual: **4 resumos**
- 2- Sex offenders: **5 resumos**
- 3- Pedofilia: **7 resumos**
- 4- Molestadores: **1 resumo**

- **PSYCINFO:**

- 1- Sex offense: 29 resumos
- 2- Sex offenders: 139 resumos
- 3- Child molesters: **30 resumos**
- 4- Sex offenders characteristics: **22 resumos**
- 5- Sex offenders profile: **2 resumos**

Cabe ressaltar que muitos estudos apareciam simultaneamente nas bases. Uma vez verificada a escassez de estudos com livre acesso referentes ao tema, foi feito contato diretamente com pesquisadores da área solicitando artigos. Para enriquecer a busca, foram analisadas as referências dos artigos selecionados. De 114 resumos analisados, 77 artigos foram selecionados, 20 estão referidos no projeto.

Quem são os abusadores sexuais

A prevalência de abusadores sexuais na população é desconhecida. Na cidade de São Paulo, sabe-se que quase 5% dos homens presos estão cumprindo pena por algum crime sexual. Porém, esses casos, não representam os abusadores da população, já que os estudos indicam que a maior parte dos casos de abuso sexual ainda não são notificados (Baltieri & Andrade, 2008).

O estudo com abusadores sexuais não consisti em uma tarefa simples. Isto porque o abuso sexual de crianças tem sido quase que universalmente condenado e os abusadores sexuais são, provavelmente, os criminosos mais criticados e que mais despertam medo na nossa sociedade. Não é incomum os abusadores serem vistos como maníacos sexuais, portadores de algum transtorno mental severo, como se nada tivessem em comum com os demais homens (Appelbaum, 2008). Tal representação é possivelmente originada pelos casos mais atípicos, trazidos pela mídia quase sempre de forma sensacionalista.

Freqüentemente, encontra-se nos estudos sobre abusadores sexuais, a distinção entre esses e os pedófilos, uma vez que, o termo pedófilo tem sido amplamente utilizado pelos meios de comunicação e artigos não-científicos como sinônimo de abusador sexual. A Pedofilia é um conceito médico enquanto que o termo “abusador sexual” é um conceito sócio-jurídico. Pessoas acusadas ou que cometeram abuso sexual contra crianças não podem ser categoricamente considerados pedófilos. Muitos atos de abuso sexual são atos isolados, que não tornam a acontecer (Baltieri, 2009).

Segundo a American Psychiatric Association, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV TR, 2002), a pedofilia consiste em um transtorno sexual, inserido no grupo das parafilias, incluindo um padrão de excitação, desejos e fantasias sexuais, recorrentes e intensas (por, no mínimo, 6 meses), preferencialmente por crianças pré-púberes. O curso da patologia em geral é crônico e causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou

ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. Este tem no mínimo 16 anos e é pelo menos 5 anos mais velho que a criança ou crianças.

De acordo com González, Martínez, Leyton, e Bardi (2004) os abusadores sexuais podem ser classificados segundo o estilo da conduta abusiva. Dessa forma, os *abusadores regressivos* seriam os adultos que apresentam um desenvolvimento que os permite chegar a idade adulta com capacidade de sentir atração sexual por um adulto. Para estes, a necessidade de seduzir e abusar sexualmente de crianças se produz pela deterioração de relações, experiências traumáticas, estressantes e/ou crise existencial. Neste caso o abuso é, geralmente, intrafamiliar. Já os abusadores *obsessivos*, que incluem os *pedófilos*, seriam os adultos que abusam de várias crianças (ou têm desejo de). Apresentam uma obsessão-compulsão crônica tendendo a repetir seus atos. Costumam ter mais abusos extrafamiliares. Pode existir a ilusão de amar e ser amado e gratificado por uma criança. Dessa forma, torna-se claro que alguns abusadores sexuais são pedófilos, mas nem todo pedófilo abusará sexualmente de alguém.

Perfil dos abusadores sexuais

Há algumas tendências e características comumente encontradas nos estudos sobre abusadores sexuais que, aparecem associadas em muitos casos de abuso sexual. No Brasil, Habigzang, Koller, Azevedo e Machado (2005) realizaram uma análise de documentos a partir de todos os processos de casos denunciados de violência sexual intrafamiliar na cidade de Porto Alegre, entre 1992 e 1998. Dos 94 documentos analisados, 90 continham características do agressor. As principais características foram: 99% do sexo masculino; 57% dos casos, o agressor era pai da vítima; e em 37% dos casos, era padrasto ou pai adotivo. A maioria dos agressores (52%) tinha idade entre 31 e 40 anos. Parte dos agressores estava empregada (43%), parte estava desempregada (32%), fazendo biscates (16%), aposentados (6%) ou eram autônomos (2%). Além disso, a maioria dos agressores possuía baixo nível de escolaridade. Inicialmente, 75% eram casados ou viviam maritalmente, ao final do processo, a maioria dos agressores estavam separados (69%). 53,2% dos agressores eram usuários de álcool e 28% destes abusavam de alguma outra substância tóxica.

Outro estudo de base documental, feito por Parkinson, Shrimpton, Oates, Swanston, e O'Toole (2004), na Austrália, mostraram dados de 30 abusadores sexuais de crianças: 97% dos abusadores eram homens com idade média de 39 anos. Quanto a

ocupação, a maior parte (77%) estavam empregados, 13% desempregados e 7% eram estudantes. Quanto ao estado civil, 44% eram casados, 23% solteiros que nunca casaram, 3% divorciados e 30% sem especificação. 60% tinham cometido também crimes não sexuais. Dos 30 ofensores, 50% cometeram furto e/ou roubo, 23% tiveram envolvimento com drogas ilícitas e 27% cometeram crimes envolvendo violência.

Ainda, baseado em arquivos jurídicos e clínicos de 120 homens abusadores sexuais, o estudo de Becker, Stinson, Tromp, e Messer (2003), num centro de tratamento especializado, encontrou que os indivíduos tinham idade entre 19 e 79 anos ($M=44$). Quanto à etnia, 69% eram brancos. Em relação ao estado civil, 46% relataram estarem solteiros, 28% casados e 18% divorciados. O número de crianças que viviam no lar dos homens antes da prisão variou de 0 a 7 ($M=1,5$ filhos). 81% tinham história de abuso de substâncias em sua vida. Apresentaram 1 a 8 detenções por delitos sexuais ($M=2,6$). 59% abusaram apenas de vítimas do sexo feminino, 16% apenas do sexo masculino, e, 22,5%, do sexo masculino e feminino. Maior parte dos abusadores (32,5%) vitimizaram crianças entre 0 e 12. 85% cometeram, também, delitos não-sexuais ($M=5,5$).

Alguns estudos caracterizam os tipos de abuso sexual cometidos. No estudo de Habigzang et al. (2005) as principais categorias identificadas foram esfregar-se no corpo da vítima ou passar a mão pelo corpo (39%), sexo vaginal (29%), tirar as roupas (27%), sexo anal (25%), sexo oral (20%), exibicionismo da genitália (16%), assédio (14%), masturbação da vítima pelo agressor e vice-versa (13%) e obrigação de assistir relações sexuais de terceiros (10%). Pechorro, Poiares e Vieira (2008) analisaram os tipos de comportamentos sexuais efetuados diferenciando o sexo da vítima. Para as meninas, o mais praticado foram carícias (57% dos casos), esfregar-se no corpo (48%), sexo vaginal (48%), oral (26%) e anal (4,3%). Para os meninos, sexo anal (73%), carícias (46%), esfregar-se no corpo (27%) e sexo oral (27%).

Muitos agressores sexuais exibem uma série de sintomas que podem indicar psicopatologia. Habigzang et al. (2005) encontraram registros de agressividade, problemas com álcool e outras drogas, transtornos mentais, rigidez, fanatismo religioso e possessividade. Gonzalez et al. (2004), aponta para as distorções cognitivas e as dificuldades de empatia. Sentimentos de solidão, de inadequação, baixa auto-estima, pobreza nas habilidades sociais e déficits nas relações de intimidade, têm sido demonstrados em diversos estudos (Fisher, Beech & Bowne, 1999, Marshall, Serran & Cortoni, 2000, W. L. Marshal, L. E. Marshall, Sachdev e Kruger, 2003). Estudos têm

chamado a atenção para as altas taxas de impulsividade e tendência para comportamento anti-social. Para Gonzalez et al. (2004) quando há transtorno de personalidade é geralmente do tipo limítrofe, com dificuldade no controle dos impulsos e em relações íntimas, sendo que, o transtorno de personalidade anti-social é mais comum no caso dos estupradores. Entretanto, a história psiquiátrica dos abusadores sexuais varia extensivamente. Um estudo português de Pechorro et al. (2008), com uma amostra forense de 41 homens abusadores e acusados de abuso sexual, investigou traços de personalidade, e características psicossociais. Os padrões de personalidade dependente, compulsivo, evitativo e esquizóide foram os mais frequentes, no entanto, o grupo mostrou grande heterogeneidade em relação aos padrões de personalidade. Becker et al. (2003) encontraram prevalência de pedofilia em 63% da amostra, parafilia não-especificada em 56%, transtorno de personalidade não-especificado 42% e transtorno de personalidade anti-social 40%.

Há estudos que investigam as distorções cognitivas tendo como hipótese que os abusadores sexuais percebem a realidade e a relação sexual entre um adulto e uma criança de forma diferente da população em geral. Um estudo realizado por Marshall et al. (2003) no Canadá, com abusadores sexuais de crianças, abusadores não-sexuais e não abusadores, demonstrou que os abusadores sexuais de crianças apresentaram uma grande tendência de distorção da percepção no que concerne a relação sexual entre adultos e crianças. Os abusadores percebiam as crianças como sensuais e sexualmente provocantes, além de não considerar o sexo entre crianças e adultos prejudicial à vítima.

Ainda, há muitos estudos que se destinam a investigar a história infantil de abuso sexual e outros tipos de violência dos abusadores sexuais. Há uma ideia de que os vitimizadores foram vítimas de abuso algum dia. Entretanto, Sanderson (2004) alerta sobre a história de abuso sexual na infância colocando que pedófilos ou abusadores sexuais de crianças podem afirmar que sofreram abuso para justificar sua conduta, mas nem todos eles foram sexualmente abusados na infância. Por outro lado, um estudo canadense realizado por Stirpe e Stermac (2003), investigou a história de abuso sexual na infância de 33 abusadores sexuais, comparando com outros infratores. Neste estudo, 60% dos abusadores sexuais relataram história de abuso sexual na infância contra 31% em toda a amostra. Becker et al. (2003) encontraram registro de abuso sexual em 43% dos abusadores sexuais estudados.

Portanto, as pesquisas têm mostrado que a história de vitimização sexual na infância varia consideravelmente de acordo com os diferentes tipos de abusadores

sexuais. Assim, segundo Stirpe e Stermac (2003) não se pode fazer uma relação de causalidade entre ter sofrido abuso sexual na infância e abusar sexualmente de alguém. Ter sido vítima pode ser um entre diversos fatores que contribuem para o cometimento do abuso sexual.

Como apontado por Furniss (1993) e corroborando os demais estudos encontrados pode-se perceber que mais de 90% dos abusadores sexuais são do sexo masculino. Além disso, os resultados têm apontado que a maioria dos abusos sexuais ocorre no contexto do lar e configuram-se como abusos sexuais incestuosos, sendo que o pai biológico e o padrasto aparecem como os principais agressores. A idade média do primeiro abuso sexual é 35 anos (Hanson et al., 2002, Smallbone & Wortley, 2004). Hanson et al. (2002) pontua que, nesta faixa etária, as oportunidades de contato sexual com crianças estão aumentadas, pois é comum a convivência com filhos, enteados, ou pessoas próximas que tenham filhos.

É possível constatar que os estudos sobre os abusadores sexuais buscam caracterizá-los e compreendê-los a luz de diversas hipóteses sobre a etiologia do abuso sexual, fatores associados e tipologia do abusador. A história de abuso sexual na infância, por exemplo, constitui objeto de muitos estudos. No entanto, é um evento comum para uma parcela de abusadores sexuais, mas a maioria das pessoas que sofreram abuso sexual não se tornarão abusadores. Assim, não é possível realizar uma relação de causa e efeito, mas é possível reunir uma série de indicativos de maior probabilidade de um indivíduo abusar sexualmente.

Dessa forma, torna-se clara a importância da condução de uma avaliação compreensiva desses indivíduos, indicando potencialidades e fragilidades individuais caso venham a receber tratamento. A depressão, a ansiedade e o abuso de substâncias, por exemplo, podem representar um importante aspecto na avaliação e tratamento de alguns abusadores sexuais; porém, estes mesmos aspectos podem ser irrelevantes para outros abusadores.

MÉTODO

Delineamento:

Será realizada uma pesquisa de base documental retrospectiva de caráter descritivo.

População alvo:

Todos os indivíduos acusados de terem cometido abuso sexual, encaminhados ao Núcleo de Atenção a Criança e ao Adolescente (NACA), por órgãos oficiais do Estado, no período de 2002 a 2010.

Participantes:

Farão parte do estudo os indivíduos cujas pastas tenham registros de, no mínimo, um atendimento psicológico.

Material:

Documentação:

- Prontuários do NACA contendo fichas de acolhimento com serviço social, registros dos atendimentos psicológicos, parecer psicossocial e protocolos de testes psicológicos tais como: Inventário de expressão de raiva como estado e traço (STAXI), o House-Tree-Person (HTP) e o Teste Palográfico na Avaliação da Personalidade.
- Certidão de antecedentes criminais e/ou Processos judiciais disponíveis no Fórum.

Local para a coleta de dados:

Os dados serão colhidos pela pesquisadora tanto no Naca quanto no Fórum. Será elaborada uma planilha para o registro de informações relacionadas às variáveis do estudo.

Quadro 1 - Variáveis e indicadores

Variável	Indicador	Fonte dos dados
Características sociais	Gênero, idade, raça, ocupação, escolaridade, religião. Renda, número de uniões, situação conjugal, constituição familiar.	Entrevista de acolhimento com serviço social.
Características comportamentais	Impulsividade, agressividade e raiva	Registros de atendimento psicológico, parecer psicossocial e protocolos de testes psicológicos
Antecedentes criminais	Ocorrência de delitos e/ou outros crimes. Reincidência de abuso sexual. Idade no início das agressões.	Certidão de antecedentes criminais e processos judiciais.
Características do(s) abuso(s)	Número de vítimas. Local, presença de coação da vítima, presença de violência física. Intra ou extrafamiliar. Hetero ou homossexual.	Registros de atendimento psicológico e/ou processos judiciais.
Tipo do abuso sexual	Sem contato físico: Exibicionismo, voyeurismo, cantadas obscenas, apresentação de pornografia, indução a prostituição. Com contato físico: toques, beijos, intercurso (oral, anal, vaginal)	Registros de atendimento psicológico e/ou processos judiciais.
Características da vítima	Parentesco com o abusador, idade, sexo.	Registros de atendimento psicológico e/ou processos judiciais.

Processamento e análise de dados:

Os dados serão tabulados e as frequências serão analisadas utilizando-se a prova do qui-quadrado para avaliar a significância. Medidas de tendência central e posteriores análises de correlação e regressão poderão ser realizadas.

Considerações éticas:

Ambos os locais já foram contatados e forneceram uma declaração autorizando o uso de seus dados. O projeto será encaminhado para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCPEL. Os resultados do estudo serão divulgados à comunidade científica através da produção de artigos sobre o tema.

Considerando que a pesquisa será retrospectiva, de base documental e a impossibilidade para localizar os sujeitos, não será obtido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes, entretanto, será assegurado o anonimato, o direito à confidencialidade dos dados e o cuidado na utilização das informações nos trabalhos escritos. Os dados dos envolvidos no estudo serão tratados quantitativamente, de forma que não haverá a possibilidade de serem identificados.

CRONOGRAMA:

Atividades	2010								2011											
	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Revisão de Literatura	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
Elaboração do Projeto			x	x	x	x														
Coleta de dados												x	x	x	x					
Análise e interpretação dos dados															x	x	x			
Elaboração de artigo																	x	x	x	
Apresentação do Trabalho no CIC																		x		
Defesa da Dissertação																				x
Divulgação dos resultados																				x

ORÇAMENTO:

Componentes da despesa*	Quantidade	Valor Individual (R\$)	Valor Total (R\$)
Impressões	300	0,30	90,00
Encadernação em espiral	02	5,00	10,00
Encadernação em capa dura	02	20,00	40,00
Livros	06	-	400,00
Artigos	15	-	300,00
Microcomputador	01	1.250,00	1.250,00
Deslocamento (gasolina)	112 (l)	2,75	308,00
Pessoa auxiliar de digitação	01	200,00	200,00
Total (R\$) →			2.598,00

* todas as despesas serão custeadas pela pesquisadora.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2002). *DSM - IV - TR - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. (C. Dornelles, Trans. 4 rev. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Appelbaum, P. S. (2008). Sex offenders in the community: Are current approaches counterproductive? *Law & Psychiatry*, 59(4), 352-354.
- Azevedo, M. A., & Guerra, V. A. (Orgs.) (1989). *Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.
- Baltieri, D. (2009). *Drugs, sex and crime: Empirical contributions*. de <http://www.bentham.org/ebooks/9781608050703/index.htm>.
- Baltieri, D. A., & Andrade, A. G. (2008). Comparing serial and nonserial sexual offenders: alcohol and street drug consumption, impulsiveness and history of sexual abuse. *Rev Bras Psiquiatr*, 30(1), 25-31.
- Becker, J. V., Stinson, J., Tromp, S., & Messer, G. (2003). Characteristics of individuals petitioned for civil commitment. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 47, 185-195.
- Finkelhor, D. (1993). Epidemiological factors in the clinical identification of child sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 17, 67-70.
- Fisher, D., Beech, A., & Browne, K. (1999). Comparison of Sex Offenders to Nonoffenders on Selected Psychological Measures. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 43(4), 473-491.
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar* (M. A. V. Veronese, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- González, E., Martínez, V., Leyton, C., & Bardi, A. (2004). Características de los abusadores sexuales. *Rev Sogia*, 11(1), 6-14.
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3).
- Hanson, R. K., Gordon, A., Harris, A. J. R., Marques, J. K., Murphy, W., Quinsey, V. L., et al. (2002). First report of the collaborative outcome data project on the effectiveness of psychological treatment for sex offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 14(2), 169-194.
- Johnson, R. J., Ross, M. W., Taylor, W. C., Williams, M. L., Carvajal, R. I., & Peters, R. J. (2006). Prevalence of childhood sexual abuse among incarcerated males in county jail. *Child Abuse & Neglect*, 30, 75-86.
- Levenson, J. & D'amora, D. (2005). An Ethical Paradigm for Sex Offender Treatment: Response to Glaser. *Western Criminology Review*, 6(1), 145-153.

- Lung, F.-W., & Huang, S.-F. (2004). Psychosocial Characteristics of Criminals Committing Incest and Other Sex Offenses: A Survey in a Taiwanese Prison. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 48(5), 554-560.
- Marshall, W. L., Marshall, L. E., Sachdev, S., & Kruger, R.-L. (2003). Distorted attitudes and perceptions, and their relationship with self-esteem and coping in child molesters. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 15(3), 171-181.
- Marshall, W. L., Serran, G. A., & Cortoni, F. A. (2000). Childhood attachments, sexual abuse, and their relationship to adult coping in child molesters. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 12(1), 17-26.
- Moura, A. S., & Koller, S. H. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*, 13(1), 85-94.
- Moura, A. d. S., & Koller, S. H. (2010). Expressões de empatia em homens acusados de abuso sexual infantil. *Psico*, 41(2), 184-191.
- Organização Mundial da Saúde. (1999). *Report of the consultation on child abuse prevention WHO*. Recuperado em 15 de agosto, 2010, de http://whqlibdoc.who.int/hq/1999/WHO_HSC_PVI_99.1.pdf.
- Organização Mundial da Saúde. (2010). Violence and injuries. Recuperado em 15 de agosto, 2010, de <http://www.euro.who.int/en/what-we-do/health-topics/disease-prevention/violence-and-injuries/activities/violence-prevention>
- Parkinson, P. N., Shrimpton, S., Oates, R. K., Swanston, H. Y., & O'Toole, B. I. (2004). Nonsex offences committed by child molesters: Findings from a longitudinal study. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 48(1), 28-39.
- Pechorro, P. S., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2008). Caracterização psicológica de uma amostra forense de abusadores sexuais. *Análise Psicológica*, 26(4), 615-623.
- Reis, J. N., Martin, C. C. S., & Ferriani, M. d. G. C. (2004). Mulheres vítimas de violência sexual: meios coercitivos e produção de lesões não-genitais. *Cad. Saúde Pública*, 20(2), 465-473.
- Sanderson, C. (2004). *The seduction of children: Empowering parents and teachers to protect children from child sexual abuse*. London: Jessica Kingsley.
- Serafim, A. P., Saffi, F., Rigonatti, S. P., Casoy, I., & Barros, D. M. d. (2009). Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. *Rev Psiq Clín*, 36(3), 105-111.
- Smallbone, S. W., & Wortley, R. K. (2004). Onset, persistence, and versatility of offending among adult males convicted of sexual offenses against children. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 16(4), 285-298.

Stirpe, T. S., & Stermac, L. E. (2003). An exploration of childhood victimization and family-of-origin characteristics of sexual offenders against children. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 47(5), 542-555.

DENISE MÜLLER BÖHM

**Características Emocionais e Comportamentais de Adolescentes e Adultos
Suspeitos de Praticar Abuso Sexual**

**Emotional and Behavioral Characteristics of Juveniles and Adults Suspects of
Committing Sexual Abuse**

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Saúde e Comportamento da UCPEL, sob a orientação da Prof. Dra. Vera Lúcia Marques de Figueiredo.

Pelotas, fevereiro de 2012.

RESUMO

OBJETIVO: Caracterizar o perfil emocional e comportamental de adolescentes e adultos suspeitos de praticar abuso sexual, bem como, identificar o respectivo histórico criminal. **MÉTODO:** Estudo retrospectivo, de caráter descritivo baseado na análise dos prontuários, contendo entrevistas, protocolos de testes psicológicos e pareceres psicossociais. Os sujeitos do estudo foram todos os suspeitos de terem cometido abuso sexual, encaminhados entre os anos de 2002 e 2010, a um serviço especializado, no sul do Brasil. Foram ainda colhidas informações junto às certidões de antecedentes criminais e/ou processos judiciais. **RESULTADOS:** Verificou-se que a maioria eram adultos (60%), do sexo masculino (99,3%), da cor branca (60,3%), estudaram até o ensino fundamental completo (82,9%) e tinham renda própria (54,5%). A maioria abusou de uma vítima (85%), com idade entre 6 e 11 anos (41%) e do sexo feminino (69%). Nos prontuários haviam registros e indicadores de comportamento impulsivo, agressivo e controlador; insegurança afetiva e dependência emocional. **CONCLUSÃO:** Os resultados apontaram, entre os suspeitos, características comumente encontradas em agressores sexuais. Estratégias de prevenção e tratamento devem buscar a saúde mental do abusador sexual e, sobretudo, evitar mais vitimizações.

PALAVRAS-CHAVE: Maus-tratos sexuais infantis, violência sexual, pedofilia, agressores sexuais.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To characterize the emotional and behavioral profile of adolescents and adults accused of child sexual abuse. Also we aimed to identify their criminal history.

METHOD: It's a retrospective descriptive study, based on official records from a special service (interviews, psychological tests protocols and psychosocial appraisal).

The subjects of the study were all the suspects of child sexual abuse forwarded between 2002-2010 to a specialized Center in the Southern Brazil. Moreover, information was

also collected from the Justice System available records. **RESULTS:** It was found that the majority were adults (60%), had completed the eighth grade (82,9%) and sustain themselves (54,5%). Mostly made one victim (85%), between 6 and 11 years old (41%) that was female (69%). On the records was found registries and indicators of impulsive, aggressive and controller behavior as well as emotional insecurity and dependence.

CONCLUSION: The results indicate, between the suspects, characteristics commonly identified in sex offenders. Prevention and treatment strategies must go forward the sex offender mental health and, principally avoid further victimizations.

KEY WORDS: Child abuse, Sexual, Sexual Violence, Pedophilia, sex offenders, child molesters.

Introdução

O abuso sexual tem sido quase que universalmente condenado e os abusadores sexuais são, provavelmente, os criminosos mais criticados e que mais despertam medo na nossa sociedade. Não é incomum os agressores serem vistos como maníacos sexuais, portadores de algum transtorno mental severo, como se fossem distintos dos demais indivíduos.¹ A ideia decorre, possivelmente, pela escassez de dados científicos consistentes sobre o perfil desses agressores, como também, pela forma sensacionalista com que a mídia aborda os casos de abuso sexual.²

Embora as ações preventivas em relação à problemática do abuso sexual sejam enfatizadas no atendimento às vítimas,³⁻⁴⁻⁵ vem crescendo a preocupação com o agressor e, na esfera internacional, percebe-se uma atenção relevante.⁶⁻⁷⁻⁸⁻⁹⁻¹⁰⁻¹¹⁻¹²⁻² No Brasil, é recente o interesse científico pelos agressores, principalmente em relação aos aspectos emocionais e comportamentais.¹³⁻¹⁴⁻¹⁵⁻¹⁶⁻¹⁷⁻¹⁸⁻¹⁰

Há tendências e características comumente encontradas nos estudos sobre abusadores sexuais. Alguns estudos de base documental identificaram que a maioria dos abusadores era do sexo masculino, era pai ou padrasto da vítima, tinha em média 40 anos de idade, era branco, casado, tinha emprego e fazia uso de substâncias tóxicas e álcool.¹⁹⁻¹¹⁻¹⁸ De acordo com a literatura, agressões sexuais perpetradas por mulheres são bem menos frequentes do que pelos homens, porém também têm sido alvo de estudos nos anos mais recentes.²⁰⁻²¹ Em relação aos adolescentes, estima-se que sejam responsáveis por entre 30% a 50% dos abusos sexuais infantis¹⁰. Quanto às principais formas de abuso, são identificadas em ordem de frequência¹⁸: esfregar-se no corpo da vítima ou passar a mão pelo corpo, sexo vaginal, tirar as roupas, sexo anal, sexo oral, exibicionismo da genitália, assédio, masturbação da vítima pelo agressor e vice-versa e obrigação de assistir relações sexuais de terceiros.

Muitos agressores sexuais exibem uma série de sintomas que podem indicar psicopatologia. Foram encontrados¹⁸ registros de agressividade, problemas com álcool e outras drogas, transtornos mentais, rigidez, fanatismo religioso e possessividade, além de distorções cognitivas e dificuldades de empatia¹⁰⁻¹⁶⁻¹⁷. Sentimentos de solidão, de inadequação, baixa autoestima, pobreza nas habilidades sociais, déficits nas relações de intimidade e impulsividade também são encontrados como características de abusadores.²²⁻²³⁻⁹⁻¹² O padrão de compulsão e de resistência à mudança são intensos nos abusadores, bem como, postura manipuladora e de negação²⁴.

Ainda que os agressores sexuais sejam identificados como vitimizadores e criminosos, não significa que não necessitem de atenção, pois seus comportamentos desviantes, não trazem sofrimento apenas para as vítimas e suas famílias, mas também para o próprio agressor. Este estudo procurou caracterizar o perfil emocional e comportamental de suspeitos de terem praticado abuso sexual, identificando as diferenças entre adolescentes e adultos. Buscou-se ainda examinar a história criminal, quando existente. Os dados são de extrema importância, pois possibilitam nortear os profissionais, principalmente os psicólogos, no planejamento e eficácia da avaliação, bem como, no estabelecimento de estratégias de prevenção e intervenção.

Método

Trata-se de um estudo de base documental, retrospectivo e de caráter descritivo. Foram analisados os prontuários de todos os suspeitos (N=157) de terem cometido abuso sexual, encaminhados entre os anos de 2002 e 2010, a um núcleo especializado em atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência, na região sul do Brasil. Foram excluídos 21 prontuários por falta de dados básicos, totalizando 136 casos estudados.

O núcleo proporciona atendimento psicossocial às vítimas e suas famílias desde o ano de 2000 e, a partir de 2002, passou a tratar também os agressores sexuais. Os suspeitos de cometer abuso são encaminhados por órgãos oficiais do Estado como Delegacias de Polícia, Ministério Público e Juizado.

Quanto à dinâmica do Serviço, inicialmente, os suspeitos são acolhidos pelo serviço social sendo que, quando menores de dezoito anos, são atendidos, primeiro, os responsáveis legais. A seguir, é iniciado o processo de avaliação psicológica que indicará a necessidade ou não de tratamento psicoterápico, oferecido pelo próprio Núcleo. Entretanto, os indivíduos não são, de forma geral, compelidos a participar dos atendimentos oferecidos, baseado num princípio legal de que ninguém é obrigado a produzir uma prova contra si.

As informações encontradas na documentação pesquisada foram tabuladas em uma planilha previamente elaborada contendo às variáveis do estudo. Foram consultados e analisados os seguintes documentos nos prontuários do Serviço:

- fichas de acolhimento com serviço social;
- registros dos psicólogos resultantes do processo de avaliação psicológica, no qual se utiliza a observação, entrevista e testes psicológicos. Os testes comumente

utilizados no Núcleo são: Inventário de expressão de raiva como estado e traço (STAXI), o House-Tree-Person (HTP), segundo Buck e o Teste Palográfico na Avaliação da Personalidade;

- parecer psicossocial.

No fórum da Comarca foram colhidas informações sobre a história criminal oriundas das certidões de antecedentes criminais e/ou Processos judiciais, quando existentes e disponíveis.

A caracterização do grupo estudado se deu com base em variáveis que constituem características *sócio-demográficas*, do *contexto das agressões*, *emocionais* e *comportamentais*. As características sócio-demográficas (sexo, idade, raça, renda, escolaridade, estado conjugal e constituição familiar) foram coletadas nas fichas da entrevista de acolhimento. As características do contexto das agressões (número de vítimas, sexo e idade da vítima, tipo e local do abuso, relação intra ou extrafamiliar e vínculo com a vítima) foram obtidas nas fichas da entrevista de acolhimento, nos registros de atendimento psicológico e/ou nos processos judiciais. As características comportamentais (impulsividade, agressividade, comportamento controlador, abuso de álcool e abuso de drogas) e as características emocionais (sentimentos de raiva, de inadequação, insegurança afetiva, baixa autoestima, dependência emocional e ideias persecutórias) foram identificadas com base no parecer psicossocial e nos protocolos dos testes psicológicos. O histórico criminal (ocorrência de delitos e/ou outros crimes) foi obtido a partir das certidões de antecedentes criminais e/ou processos judiciais.

Para a variável “constituição familiar” foram utilizadas as seguintes categorias: Família Nuclear (ambos os genitores e filhos), Família Monoparental (um dos genitores e filhos), Família Reconstituída (casal com pelo menos um filho que não é descendente de ambos), Família Extensa (coabitam outras pessoas com laços sanguíneos, além dos genitores e seus filhos) e Família Unitária (pessoa que vive só).

As características da amostra foram obtidas através da frequência simples e para a comparação entre as proporções foi realizado o teste qui-quadrado. Considerando a amplitude da faixa etária e as diferenças psicossociais que envolvem as diversas fases do desenvolvimento, foram realizadas análises separadas para dois grupos (adolescentes e adultos), com intuito de verificar se as características diferem de um para outro. Foram considerados adolescentes os sujeitos com até 17 anos, e adultos com 18 anos ou mais.

O estudo teve início após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Católica de Pelotas – Brasil (nº 2011/08).

Resultados

No período do estudo, o Núcleo atendeu, em média, 15 suspeitos de abuso sexual por ano ($\pm 3,96$). Identificou-se que 60% dos casos abandonou o atendimento, ou seja, não compareceram mais apesar de não terem recebido alta e nem serem encaminhados para outros serviços. Observou-se que, as desistências ocorreram após 3 a 5 meses do início do acolhimento. Permaneceram em atendimento por até 7 meses, 50% dos indivíduos.

Em relação à idade, os suspeitos tinham entre 11 e 75 anos ($M= 29, 37 \pm 16,74$), a mediana foi 24 anos e a maior frequência de casos ocorreu com adolescentes de 14 anos. A média de idade entre os adolescentes foi 14 anos ($\pm 1,54$) e entre os adultos 40 anos ($\pm 14,32$). Os indivíduos considerados adultos representaram mais da metade dos casos estudados (60%). A Tabela 1 mostra as características sócio-demográficas da amostra. Do total dos suspeitos, a maioria era do sexo masculino, da cor branca e tinham até a oitava série (83%). Entre os adultos, 85% tinham renda própria e entre os adolescentes 8,3%. Quanto à constituição familiar, 38,3% dos adolescentes eram membros de família nuclear enquanto que, os adultos faziam parte de famílias reconstituídas (40%). Quanto ao estado conjugal, entre os adolescentes, a maioria eram solteiros; enquanto que entre os adultos, a minoria. (AQUI TABELA 1)

A Tabela 2 refere-se às características do contexto das agressões, tanto para a amostra geral, como, considerando os diferentes grupos (adolescentes e adultos). Observou-se que, do total da amostra, a maioria abusou de uma vítima, sendo a mesma proporção em relação a adolescentes e adultos. Quanto ao local do abuso, a maior parte ocorreu na casa da vítima ou do agressor. Os abusos foram predominantemente intrafamiliares, sendo que, os adolescentes eram, na maioria, um familiar próximo da vítima, enquanto os adultos eram pais ou padrastos. O tipo de abuso mais frequente foi manipulação dos genitais da vítima, entretanto, entre os adultos, observou-se formas mais diversificadas. Os adolescentes tinham o mesmo sexo da vítima e os adultos eram do sexo oposto. Além disso, a maior parte dos adultos abusou de vítimas com 12 anos ou mais, enquanto que esta categoria foi a menos prevalente entre os adolescentes.

(AQUI TABELA 2)

Segundo os registros observou-se às seguintes características comportamentais (Tabela 3) na amostra geral: impulsividade, agressividade, conduta controladora do ambiente, abuso de álcool e drogas. Considerando as fases do desenvolvimento, observa-se que a impulsividade foi mais frequente entre os adolescentes e o

comportamento controlador, entre os adultos. A diferença entre os grupos foi significativa ($p < 0,05$) em relação ao comportamento controlador e ao abuso de álcool. (AQUI TABELA 3)

A Tabela 4 refere-se às características psicológicas ou afetivo/emocionais dos agressores, sendo a insegurança afetiva e a dependência emocional as mais prevalentes na amostra geral, bem como, tomando-se os adolescentes e adultos. Além dessas características, os sentimentos de inadequação e a baixa autoestima apareceram significativamente ($p < 0,05$) mais comuns nos adolescentes. (AQUI TABELA 4)

Além das características dos abusadores apresentadas nas tabelas, pôde-se verificar, tomando-se a amostra geral, indicativos de deficiência intelectual em 20 (14,7%) casos, distanciamento afetivo em 21 (15,4%), características manipuladoras em 19 (14,0%) e comportamento imaturo em 9 (6,6%). Nos registros das entrevistas, havia anotações sobre o uso frequente de mecanismo de racionalização (5,9%), sobre o fato de terem sido vítimas de violência sexual (5,1%) e sobre a presença de ideias suicidas (1,5%). Somente 13 (9,6%) assumiram, durante o período dos atendimentos, que cometeram o abuso. Nos laudos psicológicos, houve evidências de características compatíveis ao perfil de agressores sexuais em 83 documentos (70,9%).

Quanto aos dados colhidos junto às certidões de antecedentes criminais e/ou processos judiciais, no Fórum da cidade, apenas 46 (38,7%) tinham registro de algum antecedente criminal, destes, 69% por crimes sexuais e 31% por outros tipos de delitos, tais como violência doméstica, grave ameaça, porte ilegal de arma de fogo, roubo, furto e extorsão.

Discussão

O motivo do abandono ao tratamento pode estar associado à tendência dos homens agressores de não assumir a responsabilidade por seus atos e, tampouco, de receber ajuda psicológica. Parece que não reconhecem os problemas como próprios, tendendo a justificá-los e atribuí-los a circunstâncias externas a eles.⁹ Dessa forma, apresentam dificuldade para dar continuidade a qualquer trabalho terapêutico e não colaboram com a eficácia do tratamento.

Características sócio-demográficas

A média de idade dos suspeitos mostrou-se semelhante ao comumente encontrado na literatura em relação aos adolescentes,²⁵⁻²⁶ como também em relação aos

adultos.²⁻⁶⁻¹³ É importante destacar que quase metade da amostra foi composta por menores de 18 anos, mostrando que o comportamento sexual abusivo pode iniciar-se na adolescência, apontando necessidade de estratégias de prevenção que foquem, prioritariamente, este grupo.

Foi possível observar a ocorrência de apenas um caso de agressão sexual perpetrada pelo sexo feminino, dado similar ao da literatura¹⁸⁻²⁰ que aponta maior frequência entre os homens. Seria, realmente, o abuso sexual praticado por mulheres tão menos prevalente do que pelos homens ou haveria fatores culturais dificultando a identificação da mulher como agressora sexual, até mesmo por parte das vítimas?

Possivelmente, o abuso sexual praticado por mulheres pode ser subestimado. Provavelmente, seja menos denunciado e menos identificado como crime sexual, até mesmo pelo sistema judiciário já que os preconceitos e estereótipos presentes na sociedade podem enviesar, inclusive, a percepção dos profissionais.²⁰ A mulher costuma desempenhar uma série de atividades que são, de certa forma, culturalmente inquestionáveis, como dar banho, higienizar e vestir uma criança. Todavia, atos abusivos podem ser agregados a tais práticas e serem de difícil discernimento para a vítima. Mesmo o fato de um adolescente ser “iniciado” sexualmente por uma mulher adulta parece não ser compreendido e nem mesmo cogitado como abuso sexual.

O imaginário social sobre as características do abusador é permeado por mitos e preconceitos como, por exemplo, a crença de que são indivíduos com baixa escolaridade e que não produzem trabalho. Neste estudo, os suspeitos eram trabalhadores, com renda própria e tinham alguma escolaridade.

Características do contexto das agressões

Quanto à relação do abusador com a vítima identificou-se que os abusos foram predominantemente intrafamiliares e que ocorreram em casa. Entre os adultos o pai, seguido pelo padrasto, foram os principais perpetradores, resultados encontrados também em outras pesquisas¹⁸, assim como, os adolescentes eram familiares da vítima.²⁶

Parece que a relação de autoridade, submissão, sentimentos de medo, carinho erotizado (quando presente), mensagens duplas e disfuncionalidade, são padrões subjacentes à dinâmica do abuso intrafamiliar.

Como relatado na literatura¹²⁻¹⁴ a relação intrafamiliar foi a mais evidente entre abusador/vítima; pais e padrastos “quebram” a relação de confiança, de autoridade e

rompem com o papel de cuidadores. O grau de proximidade do abusador com a vítima possibilita o estabelecimento da “síndrome de segredo”.⁴ Nesta síndrome, o abusador coage a vítima por meio de ameaças ou barganhas a não revelar o abuso. Este pacto de silêncio costuma ser estabelecido quase sempre de forma implícita, com todo o grupo familiar, o qual tende a manter o *status quo* e negar a situação do abuso.

Houve muitos dados omissos quanto ao tipo de abuso. Entretanto, entre as informações colhidas, identificou-se a manipulação dos órgãos sexuais¹⁸⁻²⁵. Parece que sob o ponto de vista do abusador, as vítimas oferecem menor resistência a este ato, causando menor reação do que um estupro, por exemplo, que inclui também violência física. Essa prática parece ser mais usual, também pela difícil comprovação do ato ao ser relatado pela vítima. Ainda, cabe ressaltar que essa prática sexual, menos intrusiva, torna-se mais presente nos abusos intrafamiliares que, geralmente, envolvem menos violência física, porém mais violência emocional.

Mais da metade dos meninos vítimas de abuso sexual têm como agressor um adolescente²⁵ – dado também observado no presente estudo. O adolescente encontra-se em desenvolvimento psicosssexual, no qual são comuns experimentações e conflitos em relação à identidade sexual. Por essa razão, cometer abuso parece, em muitos casos, relacionar-se a expressão inadequada de tais conflitos, falta de orientação e supervisão por parte dos adultos, curiosidade, demonstração de poder e/ou reprodução de uma história pregressa de abuso. Talvez, pelos mesmos conflitos, os adolescentes abusam mais de vítimas do mesmo sexo do que do sexo oposto.

Características emocionais e comportamentais

Apesar de a amostra ser composta por suspeitos, as características emocionais e comportamentais encontradas foram similares as identificadas em abusadores. Agressividade, dependência emocional, impulsividade e baixa autoestima são traços e comportamentos comuns entre os abusadores os quais também foram identificados no grupo estudado. Os resultados foram calculados desconsiderando os dados omissos e, dessa forma, os percentuais podem não ser tão exatos. Entretanto, o perfil identificado foi próximo ao da literatura.⁰⁹⁻¹²⁻¹⁸⁻²²⁻²³

Quanto às características dos adolescentes, as mais relevantes foram insegurança afetiva, dependência emocional, baixa autoestima, impulsividade e agressividade. A ansiedade, a baixa autoestima e os interesses sexuais atípicos foram sugeridos como possíveis causas para o abuso sexual praticado por adolescentes.²⁷ A impulsividade foi o

comportamento mais frequente nos adolescentes, podendo estar associado com sua fase do desenvolvimento, ou, ainda a um indicador de comportamento de risco. Entre as características emocionais e comportamentais mais observadas nos adultos, apareceram a insegurança afetiva, a dependência emocional, comportamento controlador e abuso de álcool.

A tendência dos agressores de minimizarem ou negarem seus comportamentos “reprováveis”,⁹ foram confirmados por meio do pequeno percentual de indivíduos que assumiram o abuso em algum momento durante o período de atendimento. Outra situação que exemplificou esta tendência é em relação ao abuso de álcool e/ou abuso de outras drogas. Raramente estes comportamentos foram relatados nas entrevistas iniciais, entretanto apareceram posteriormente com mais frequência durante o processo de psicoterapia.

História criminal

Entre os suspeitos de cometer abuso sexual, poucos casos foram identificados como tendo antecedentes criminais. Alguns fatores que podem justificar essa baixa frequência são: a) Morosidade da investigação policial; b) Falta de dados em alguns inquéritos policiais, que, quando encaminhados ao Ministério Público são arquivados por não apresentarem consistência; c) até o ano de 2009 a ação penal de estupro contra vulnerável era condicionada a representação do ofendido. Ou seja, a ação penal só era autorizada se a vítima ou seu representante legal autorizasse a abertura do inquérito e seu encaminhamento para o Ministério Público. Atualmente, qualquer denúncia em relação à vulnerável, obrigatoriamente, reverte na abertura do inquérito e encaminhamento ao Ministério Público; d) Mesmo nos casos em que o processo judicial é instaurado, existe dificuldade de provar a maior parte dos crimes sexuais. Em síntese, a falta de registro de antecedentes criminais relacionados aos casos estudados, não garante que os indivíduos suspeitos de abuso sejam inocentes.

Dos casos nos quais foram identificados antecedentes criminais a maioria cometeu crime sexual, confirmando a suspeita de terem cometido o abuso. Entretanto, os demais delitos evidenciam comportamentos criminosos que, muitas vezes, podem estar associados ao abuso sexual.

As ações de caráter apenas punitivo não costumam resolver a problemática dos abusadores sexuais.⁶ Na maior parte dos casos a falta de provas não permite que o agressor seja penalizado.

Entre as limitações que restringiram as análises do estudo pode-se apontar a falta de informações padronizadas e o grande número de respostas omissas ou negadas. Os dados relativos a este grupo especial são de difícil coleta, pois, geralmente, os agressores negam ou minimizam os atos abusivos e comportamentos que acreditam que possam comprometê-los ainda mais. Entretanto é essencial a conscientização dos profissionais para que dados não sejam negligenciados em prontuários e expedientes, por bem de contribuir com a produção de conhecimento científico futuro. Apesar de o trabalho referir-se a “suspeitos” de cometer abuso os resultados foram similares aos encontrados na literatura em relação aos agressores sexuais.

Conclusão

O grupo estudado, formado por suspeitos de cometer abuso, caracterizou-se da seguinte forma: eram adultos, do sexo masculino, da cor branca, cursaram até a oitava série do ensino fundamental, tinham renda própria e eram membros de famílias reconstituídas ou nucleares. Os familiares foram os principais perpetradores: pais e padrastos entre os adultos e familiares próximos entre os adolescentes. Ainda, tiveram uma vítima, com idade entre 6 e 11 anos e do sexo feminino. O tipo de abuso mais frequente foi a manipulação dos genitais.

Em relação às características comportamentais foram encontrados indicadores de impulsividade, agressividade, conduta controladora do ambiente, abuso de álcool e outras drogas. Quanto às características emocionais foram bastante prevalentes a insegurança afetiva e a dependência emocional. Houve evidências de características compatíveis ao perfil de agressores sexuais na maioria dos laudos psicológicos dos casos estudados, entretanto, na busca dos registros judiciais, pouco mais de um terço apresentaram antecedentes criminais.

Os suspeitos apresentaram comportamentos que não necessariamente correspondem a uma doença mental ou transtorno, mas que necessitam de atenção multiprofissional, visando a melhora das condições psíquicas. Ainda que os agressores devam ser olhados sob o ponto de vista jurídico e responsabilizados pelo crime cometido, devem também ser olhados sob o ponto de vista psicológico, médico e social para que recebam a devida atenção, até porque, mesmo quando os abusadores são presos, o retorno à vida social costuma não demorar a acontecer. Dessa forma, os profissionais que se propõem a trabalhar com os agressores sexuais necessitam colocar a condição de sujeito do paciente antes do crime que possa ter cometido; compreendendo

que o indivíduo tem dificuldades e demandas que requerem do terapeuta um olhar não apenas para “o agressor sexual”, mas para o sujeito, suas características e suas necessidades.

É embrionária a preocupação com a saúde mental do abusador. Por essa razão, entende-se como indispensável o desenvolvimento de estudos e ações preventivas com o foco no ofensor.

- As pesquisadoras agradecem a psicóloga Gisele Scobernatti, coordenadora do Serviço onde foi realizado o estudo, por possibilitar o acesso aos dados. E também ao Poder Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul (Comarca de Pelotas) pela disponibilização de material complementar.

Referências

- 1- Appelbaum PS. Sex offenders in the community: Are current approaches counterproductive? *Law & Psychiatry*. 2008;59(4):352-354.
- 2- Pechorro PS, Poiães C, Vieira RX. Caracterização psicológica de uma amostra forense de abusadores sexuais. *Análise Psicológica*. 2008;26(4):615-623.
- 3- Finkelhor D. Epidemiological factors in the clinical identification of child sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*. 1993;17: 67-70.
- 4- Furniss, T. *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.
- 5- Harvey ST, Taylor JE. A meta-analysis of the effects of psychotherapy with sexually abused children and adolescents. *Clinical Psychology Review*. 2010;30:517–535.
- 6- Hanson RK, Gordon A, Harris AJR, Marques JK, Murphy W, Quinsey VL, et al. First report of the collaborative outcome data project on the effectiveness of psychological treatment for sex offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*. 2002;14(2):169-194.
- 7- Lung F-W, Huang S-F. Psychosocial characteristics of criminals committing incest and other sex offenses: A survey in a taiwanese prison. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. 2004;48(5):554-560.
- 8- Johnson RJ, Ross MW, Taylor WC, Williams ML, Carvajal RI, Peters RJ. Prevalence of childhood sexual abuse among incarcerated males in county jail. *Child Abuse & Neglect*. 2006;30:75-86.
- 9- Mann RE, Hanson RK, Thornton D. Assessing risk for sexual recidivism: Some proposals on the nature of psychologically meaningful risk factors. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*. 2010;22(2):191–217.
- 10- González E, Martínez V, Leyton C, Bardi A. Características de los abusadores sexuales. *Rev Sogia*. 2004;11(1):6-14.
- 11- Becker JV, Stinson J, Tromp S, Messer G. Characteristics of individuals petitioned for civil commitment. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. 2003;47:185-195.

- 12- Fisher D, Beech A, Browne K. Comparison of sex offenders to nonoffenders on selected psychological measures. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. 1999;43(4):473-491.
- 13- Baltieri DA, Andrade AG. Comparing serial and nonserial sexual offenders: alcohol and street drug consumption, impulsiveness and history of sexual abuse. *Rev Bras Psiquiatr*. 2008;30(1):25-31.
- 14- Marques H. A voz do abusador: Aspectos psicológicos dos protagonistas de incesto. [dissertação]. Brasília: Universidade Católica de Brasília; 2005
- 15- Pasqualini-Casado L, Vagostello L, Villemor-Amaral AE, Nascimento RG. Características da personalidade de pais incestuosos por meio do Rorschach, conforme o Sistema Compreensivo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2008;21(2): 293-301.
- 16- Moura AS, Koller SH. A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*. 2008;13(1):85-94.
- 17- Moura AS, Koller SH. Expressões de empatia em homens acusados de abuso sexual infantil. *Psico*. 2010;41(2):184-191.
- 18- Habigzang LF, Koller SH, Azevedo GA, Machado PX. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2005;21(3).
- 19- Parkinson PN, Shrimpton S, Oates RK, Swanston HY, O'Toole BI. Nonsex offences committed by child molesters: Findings from a longitudinal study. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. 2004;48(1):28-39.
- 20- Cortoni F, Hanson RK, Coache M-È. The recidivism rates of female sexual offenders are low: a meta-analysis. *Sexual abuse: a journal of research and treatment*. 2010;22(4):387-401.
- 21- Gannon TA, Rose MR. Offense-related interpretative bias in female child molesters. A Preliminary Study. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*. 2009;21(2):194-207.
- 22- Marshall WL, Marshall LE, Sachdev S, Kruger R-L. Distorted attitudes and perceptions, and their relationship with self-esteem and coping in child molesters. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*. 2003;15(3):171-181.
- 23- Marshall WL, Serran GA, Cortoni FA. Childhood attachments, sexual abuse, and their relationship to adult coping in child molesters. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*. 2000;12(1):17-26.
- 24- Sattler MK. O abusador: o que sabemos. In: Azambuja MR, Ferreira MH, editors. *Violência sexual contra crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed; 2011. p. 234-247.

- 25- Gail Ryan, Tom F. Lleversee, Sandy Lane. *Juvenile Sexual Offending: Causes, Consequences, and Correction*. 3rd ed. New Jersey: John Wiley & Sons; 2010.
- 26- Letourneau EJ, Henggeler SW, Borduin CM, Schewe PA, McCart M, Chapman J, et al. Multisystemic therapy for juvenile sexual offenders: 1-year results from a randomized effectiveness trial. *J Fam Psychol*. 2009;23(1): 89–102.
- 27- Seto MC, Lalumière NL. What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological Bulletin*. 2010;136(4):526-575.

Tabela 1. Características sócio-demográficas da amostra geral dos suspeitos de cometer abuso sexual

Variável	N	%	Adolescente	Adulto	p
Sexo					
Masculino	135	99,3	54 (100%)	79 (98,8%)	0,597
Feminino	1	0,7	---	1 (1,3%)	
Raça					
Branca	82	60,3	28(51,9%)	53(63,6%)	0,244
Parda	11	8,1	4(7,4%)	7(8,8%)	
Negra	19	14,0	11(20,4%)	8(10%)	
Sem informação	24	17,6	11(20,4%)	12(15%)	
Escolaridade					
Não alfabetizado	9	7,3	--	9 (12,5%)	0,852
1° a 4° série ensino fundamental	38	30,9	17(33,3%)	21(29,2%)	
5° a 8° série ensino fundamental	55	44,7	30(58,8%)	25(34,7%)	
Ensino médio Incompleto	11	8,9	--	8(11,1%)	
Ensino Médio Completo	8	6,5	4(7,8%)	7(9,7%)	
Ensino Superior Incompleto	1	0,8	--	1(1,4%)	
Ensino Superior Completo	1	0,8	--	1(1,4%)	
Tem renda própria					
Não	55	45,5	44(91,7%)	11(15,1%)	<0,001
Sim	66	54,5	4(8,3%)	62(84,9%)	
Estado conjugal					
União Estável	36	29,8	2(3,7%)	34(50,7%)	0,016
Separado	25	20,7	--	25(37,3%)	
Solteiro	59	48,8	52(96,3%)	7(10,4%)	
Viúvo	1	0,8	--	1(1,5%)	
Constituição Familiar					
Família Nuclear	29	28,4	18(38,3%)	11(20,0%)	0,001
Família Monoparental	18	17,6	8(17%)	10(18,2%)	
Família Reconstituída	34	33,3	12(25,5%)	22(40%)	
Família Extensa	11	10,8	9(19,1%)	2(3,6%)	
Família Unitária	10	9,8	--	10(18,2%)	
Total	136				

Tabela 2. Características do contexto das agressões sexuais

Variável	N	%	Adolescente	Adulto	p valor
Número de vítimas por abusador					
Uma	106	84,8	42(82,4%)	63(86,3%)	0,361
Mais de uma	19	15,2	9(17,6%)	10(13,7%)	
O abuso ocorreu em casa					
Não	16	21,6	11(37,9%)	5(11,4%)	0,009
Sim	58	78,4	18(62,1)	39(88,6%)	
Relação com a vítima					
Apenas extrafamiliar	40	31,3	23(45,1%)	17(22,4%)	0,004
Apenas intrafamiliar	86	67,2	26(51%)	59(77,6%)	
Ambas	2	1,6	2(3,9%)	...	
Vínculo com a vítima					
Pai	31	24,2	...	30(39,0%)	< 0,001
Padrasto	22	17,2	...	21(27,3%)	
Familiar Próximo	35	27,3	27(55,1%)	8(10,4%)	
Conhecido	34	26,6	17(34,7%)	17(22,1%)	
Amigo	6	4,7	5(10,2%)	1(1,3%)	
Tipo de abuso					
Beijo	2	6,9	...	2 (12,5%)	0,125
Manipulou genitais	18	62,1	10(83,3%)	7(43,8%)	
Relação sexual com violência física	3	10,3	...	3(18,8%)	
Relação sexual	6	20,7	2(16,7%)	4(25%)	
Sexo do Abusador					
Mesmo da vítima	36	71,1	29(56,9%)	6(7,9%)	< 0,001
Oposto da Vítima	91	28,1	22(43,1%)	69(90,8%)	
Ambos	1	0,8	...	1(1,3%)	
Sexo da vítima					
Feminino	87	69	22(43,1%)	65(87,8%)	< 0,001
Masculino	38	30,2	29(56,9%)	8(10,8%)	
Ambos	1	0,8	...	1(1,4%)	
Idade da Vítima					
Até 5 anos	28	24,3	17(37,0%)	10(14,7%)	< 0,001
De 6 a 11 anos	47	40,9	22(47,8%)	25(36,8%)	
12 anos ou mais	33	28,7	3(6,5%)	30(44,1%)	
Mais de uma faixa etária	7	6,1	4(8,7%)	3(4,4%)	

Tabela 3: Características comportamentais dos suspeitos de cometer abuso sexual

Variável	N	%	Adolescente	Adulto	p valor
Comportamento impulsivo					
Não	38	47,5	12(34,3%)	26(57,8%)	0,031
Sim	42	52,5	23(65,7%)	19(42,2%)	
Comportamento Agressivo					
Não	36	40	13(37,1%)	23(41,8%)	0,414
Sim	54	70	22(62,%)	32(58,2%)	
Comportamento Controlador					
Não	32	42,7	17(58,6%)	15(32,6%)	0,024
Sim	43	57,3	12(41,4%)	31(64,7%)	
Abuso de álcool					
Não	19	54,3	10(90,9%)	9(37,5%)	0,004
Sim	16	45,7	1(9,1%)	15(62,5%)	
Abuso de drogas					
Não	22	71	8(61,5%)	14(77,8%)	0,279
Sim	9	29	5(38,5%)	4(22,2%)	

Tabela 4: características emocionais dos suspeitos de cometer abuso sexual

Variável	N	%	Adolescentes	Adultos	p valor
Sentimentos de raiva					
Não	42	56,8	17(58,6%)	25(56,6%)	0,493
Sim	32	43,2	12(41,4%)	20(44,4%)	
Sentimentos de Inadequação					
Não	37	56,9	9(34,6%)	28(71,8%)	0,003
Sim	28	43,1	17(65,4%)	11(28,2%)	
Insegurança Afetiva					
Não	20	25,3	3(10%)	17(34,7%)	0,012
Sim	59	74,4	27(90%)	32(65,3%)	
Baixa auto-estima					
Não	21	48,8	6(27,3%)	15(71,4%)	0,004
Sim	22	51,2	16(72,7%)	6(28,6%)	
Dependência emocional					
Não	16	30,2	3(18,8%)	13(35,1%)	0,195
Sim	37	69,8	13(81,3%)	24(64,9%)	
Ideias Persecutórias					
Não	41	65,1	21(72,4%)	20(58,8%)	0,194
Sim	22	34,9	8(27,6%)	14(41,2%)	